

CULTURAS E TERRITORIALIDADES INFANTIS NO AMBIENTE HOSPITALAR.

Luciene Karine da Silva Rocha
LSC
Eixo 7. Cultura, Linguagens e Arte

“Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado.” Mikhail Bakhtin (2003, p. 319.)

Esta comunicação compartilha reflexões contidas no projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, inserido no campo de Confluência Linguagem, Subjetividade e Cultura, que busca investigar ações e práticas educativas em diferentes instâncias e contextos, tendo como referência central seus sujeitos.

Por entendermos o espaço geográfico como elemento fundamental na construção dos sujeitos, elegemos como temática do presente projeto as relações das crianças com seus espaços, bem como a diversidade de infâncias existentes num espaço/tempo específico de observação: o Instituto Nacional do Câncer (INCA).

O INCA surge na década de 30 em resposta ao aumento da mortalidade por doenças crônico-degenerativas, principalmente o câncer. Em 1990, a Lei Orgânica da Saúde, que cria o SUS (Sistema Único de Saúde), inclui em seu Artigo 41, o INCA como órgão referencial para o estabelecimento de parâmetros e para a avaliação da prestação de serviços ao SUS. Nos anos 1991, 1998 e 2000, decretos presidenciais ratificam a função do INCA como o órgão governamental responsável por assistir o Ministro da Saúde na formulação da política nacional de prevenção e controle do câncer e como seu respectivo órgão normativo, coordenador e avaliador. O INCA consolida então a sua liderança no controle do câncer no Brasil.

O ambiente hospitalar é culturalmente entendido como espaço de silêncio, de doença, do não brincar. Já a criança é vista como sinônimo de vida, de movimento, de brincadeira. E quando a criança fica doente? Quando passa a frequentar/viver esse ambiente para a realização de um tratamento tão doloroso e invasivo, como vive sua infância nesse lugar de não-criança?

Buscamos compreender como a instituição supera essa lógica e se organiza para atender as crianças em tratamento do câncer e como as crianças se relacionam com os espaços destinados a

elas, se apropriam (re)significam esses espaços construindo suas culturas e territorialidades no ambiente hospitalar.

Nos aproximamos dos estudos no campo da Sociologia da Infância que vêm apontar um novo olhar sobre as crianças, compreendendo-as como atores sociais, sujeitos produtores de cultura, seres ativos situados no tempo e no espaço, tentando romper com as visões tradicionais de criança como ser inacabado. Ainda nos estudos da Sociologia da Infância, encontramos o tema culturas da infância postulando que as crianças, através das suas relações com seus pares e com os adultos, constroem, estruturam e sistematizam formas próprias de representação, interpretação e de ação sobre o mundo. Lopes e Vasconcellos acrescentam ainda que na produção dessas culturas há uma ancoragem territorial que *“não apenas emoldura o contexto no qual se edifica a infância, mas, para além disso, oferece o próprio abstrato material e produção da existência. Esse processo faz emergir junto a idéia de culturas infantis a existência de territorialidades infantis que são a base da produção dessa cultura.”* (2006, p. 110-111)

Ao compartilhar essa perspectiva entendemos a infância como uma construção histórica, geográfica e social, que se diferencia no espaço e no tempo, despertando interesses, dúvidas e inquietações.

As crianças vivem assim suas infâncias de modos diferenciados, em variados tempos e espaços produzindo suas culturas dotadas de histórias e geografias. Ao mesmo tempo em que constroem o espaço geográfico, constroem suas subjetividades numa perspectiva dialética, num *“contínuo movimento entre espaço, sociedade e sujeitos.”* (Lopes, 2007, p. 9)

Pensando as relações entre os espaços e as infâncias, Lopes e Vasconcellos apontam uma “Geografia da infância” que

tem como questão básica a compreensão da infância em seus diferentes contextos, ou seja como os arranjos sociais, culturais, produzem as infâncias em seus diferentes espaços e tempos e como as crianças ao se apropriarem dessas dimensões sociais, as reconfiguram, as reconstroem, e ao se criarem, criam suas diferentes geografias. (2006, p.122)

Indaga-se, pois como as crianças através das interações que estabelecem entre seus pares, os adultos e os espaços, constroem suas culturas e territorialidades no ambiente hospitalar.

Pretendemos fazer relações entre a escola e a realidade concreta, pensando como os modos de organização destas crianças reais fora da escola podem auxiliar na elaboração das atividades dentro dela. Pensamos ainda numa possível contribuição para elaboração de espaços destinados as crianças no ambiente hospitalar que melhor atendam suas necessidades, resultantes não apenas de pensamentos adultos para crianças mas das necessidades delas próprias expressas a partir de sua escuta. Concordamos com as idéias de Kramer (2006, p. 21): “(...) é preciso compreender os processos relativos aos modos de interação entre crianças e adultos em diferentes contextos sociais, culturais e institucionais (...). Conhecer as ações e produções infantis, as relações entre adultos e crianças, é essencial para a intervenção e a mudança.”

Temos o intuito de contribuir para o debate sobre a infância em diferentes contextos sociais, ajudando a pensar sobre o papel e o lugar das crianças na contemporaneidade, reconhecendo e respeitando sua diversidade.

Por fim, vale citar Amorim (2008, p.52) segundo o qual é de fundamental importância refletir sobre a infância e sua educação nos lugares que elas produzem e em que são produzidas, contribuindo, assim, para uma educação que possibilite um mundo mais justo, livre das desigualdades, da exclusão e da barbárie.

Palavras-chave: Sociologia da Infância, Geografia da Infância, Culturas Infantis.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Cassiano Caon. Os lugares da infância: a infância e seus lugares. In VASCONCELLOS, Tânia de. *Reflexões sobre Infância e Cultura*. Niterói: EDUFF, 2008.

BAKHTIN, Mikail (Volochnikov). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2003.

BORBA, A. M. *Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar*. Tese de doutoramento. Niterói: UFF, 2005.

CORSARO, Willian A. Entrada no campo, aceitação, e a natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. In: *Educação e Sociedade: Revista de ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade* – São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES - Vol. 26, nº 91, Mai./Ago, 2005.

KRAMER, S. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamim. *In*: KRAMER, S.; LEITE, I. *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas: Papirus, 1996 p.13-38.

LOPES, Jader Janer M.; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. *In*: *Currículo sem Fronteiras*, v.6, n.1. 2006. Disponível em http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop_vasc.pdf.

LOPES, Jader Janer M.. “É coisa de criança”: Reflexões sobre geografia da infância e suas possíveis contribuições para pensar as crianças. *In*: VASCONCELLOS, Tânia de. *Reflexões sobre Infância e Cultura*. Niterói: EDUFF, 2008.

VASCONCELLOS, Tânia de. *Reflexões sobre Infância e Cultura*. Niterói: EDUFF, 2008.